

Zé Leão um milagreiro: memória e compromisso de fidelidade com o sagrado através dos ex-votos na cidade de Florânia/RN

Mary campelo de Oliveira

Graduanda em História

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/CERES

Lourival Andrade Junior

Universidade Federal Rio Grande do Norte/CERES

O presente trabalho tem como proposta, analisar um crime ocorrido no Seridó Potiguar no Estado do Rio grande do Norte, no dia 20/01/1877 que vitimou José Leão na cidade de Flores, atual Florania. Esse crime se deu em uma fazenda, e o morto além de ter sido assassinado, foi esquartejado e queimado, no lugar do crime está uma cruz e uma capela, onde devotos da região e até de outros estados acorrem para pedir e agradecer pela intercessão de Zé Leão. Nesse sentido buscaremos compreender como se deu o processo de santificação desse milagreiro no meio popular através dos ex-votos que são encontrados dentro de sua capela demonstrando que muitas graças foram alcançadas por esse milagreiro. Os ex-votos são oferendas que podem ser imagens, inscrições, placas metálicas, até a entrega de matérias confeccionada representando partes do corpo humano que teriam sido curados pelo milagreiro, tendo como função dá testemunho do milagre alcançado. Isso permite evidenciar a raridade do culto, tendo em vista um sentimento de pertença e apoio recíproco que o ritual em sua forma coletiva define o perfil para esse milagreiro, realizando uma devoção sem preconceitos. Para alcançar o objetivo da pesquisa, analisamos monografias que abordavam sobre esse milagreiro, como também realizamos entrevistas com devotos que de alguma forma conviveram com as memórias de Zé Leão, além disso, realizamos visita na capela registrando com fotos o espaço de adoração destinado a esse intercessor. Portanto o que constatamos que as promessas apresentadas através desses ex-votos implicam o retorno anual a capela de Zé Leão para exercer a devoção de maneira ritualizada, tornando-se um compromisso de fidelidade entre o devoto e o milagreiro o qual passa interceder pelos vivos no mundo dos mortos.

Palavras Chave: Zé Leão, milagreiro, ex-votos.

Religiosidade

A religiosidade não oficial foi se formando no Brasil ao longo dos séculos, possibilitando um conjunto de práticas, e devoções que não estão de acordo com os parâmetros ritualísticos da oficialidade canônica. Partindo desse pressuposto foi se desenvolvendo um catolicismo popular no cotidiano, onde as pessoas passaram a agregar “milagreiros” como forma de resolução mais rápida para seus problemas.

Dessa maneira a religiosidade se desenvolve no meio popular, buscando outros “milagreiros” conforme a sua realidade, não deixando de respeitar o oficial, mas incorpora novas práticas tidas como marginais aos olhos das autoridades clericais. Quando falamos de marginal, estamos nos referindo àquela devoção “que não necessita de uma estrutura eclesial para existir, [...] mas que está margem das devoções oficiais”.

(PEREIRA, 2005, p.31). Essas devoções marginais se encontram as margens da igreja oficial, sem o reconhecimento da mesma, mas que são praticadas pelos fiéis que em muitos casos se denominam como católicos, pois a mesma pessoa que cumpre os sacramentos da igreja é a mesma que incorpora a devoção às almas, os mortos, e principalmente os santos que não são canonizados, mais que são denominados milagreiros pelos devotos. Observa-se então que há um imaginário comum, a todos devotos, que, independentes de sua posição social, consegue perceber a importância simbólica do objeto devotado. Devido isso, outros espaços que não são reconhecidos pela igreja como locais sagrados passam a ser sacralizados pelos próprios devotos.

Seguem-se o processo que podemos chamar de “desterritorialização”, onde os fiéis com suas práticas e rituais não aceitas pelo oficial, deixa o território sagrado que são as igrejas, a capela, e passa a fazer suas devoções, e pedidos aos milagreiros em lugares que são profanos e irregulares (PEREIRA, 2005). Como as estradas, ruas, cemitérios entre outros. Sendo assim, esses novos locais passam adquirir manifestações religiosas tornando-se sagrado porque se instalou ali algo diferente, objeto de adoração, além de serem inseridos elementos simbólicos, mostrando que os devotos não têm nenhum preconceito, mas que estão sempre abertos para receber as diversas manifestações do sagrado sejam oficiais ou não. Dessa maneira, independentes dos santos oficializados o povo escolhe seus próprios milagreiros que estão fora dos templos e da oficialidade, pois há uma necessidade de se relacionar com a divindade sem intervenções da igreja, surgindo um imaginário popular que vai além das fronteiras do oficial, proporcionando criatividade em suas devoções, e construindo a própria imagem do seu milagreiro.

[...] O catolicismo que concentra a “devoção marginal” que sai do território e do espaço sagrado previamente estabelecido, conhecido reconhecido da sociedade, que são as igrejas, capelas, santuários ou templos consagrados, para ocupar as fronteiras do profano e dos locais incomuns, como os cemitérios, os espaços a margem das rodovias ou outros. (PEREIRA, 2005, p.33).

Sendo assim os movimentos religiosos, passam a ocupar espaços profanos como os salões de festas, ginásio, estádio de futebol, onde deixam de ser profano durante as festas religiosas e passam a ser sacralizados pela própria população que faz a transferência das práticas religiosas do campo do sagrado para esses lugares que não estão de acordo com as normas canônicas. Em outras palavras, há uma consciência nas pessoas de que aquele lugar tomou uma dimensão sagrada, pois a pessoa que vai assistir ao jogo no estádio é aquela que se comporta de forma diferente durante os movimentos religiosos que ocorrem no mesmo lugar.

Cabe ainda destacar que desde muito tempo o processo evangelizador encontrou dificuldades devido a ausência de clérigos em alguma regiões, possibilitando que o catolicismo fosse à maioria das vezes repassado por leigos que facilitava a incorporação de crenças locais no imaginário das pessoas. A igreja por sua vez, foi detentora dos valores pregados através de seus discursos que tenta ditar o certo ou o errado, e instruir o povo na fé correta, impondo barreiras nas praticas religiosas da sociedade. Portanto a igreja sempre teve preconceito em relação às crenças populares

que as considerava como completo devocionismo, tentando dessa forma determinar a conduta dos fiéis.

É preciso instruir o povo na fé, promover a educação católica, abolir a ignorância religiosa, para aumentar a influência da igreja. Na verdade, “instruir o povo na fé” e promover a educação católica significava à rejeição de tudo aquilo que não vinha da hierarquia. O que brotava do povo era superstição e ignorância religiosa. (LEMOS, 2000, p.18).

Dessa maneira o que podemos elencar é que sempre a igreja teve preconceito com as crenças populares, usando todos os meios necessários para proibi-las, e definindo-as como marginais segundo as normas da oficialidade.

Milagreiro

Como podemos perceber nas devoções marginais, os devotos passam a cultuar outros milagreiros que não estão no calendário da igreja. Desta maneira a igreja marginaliza tais práticas, não reconhecendo as mesmas como sendo gestos religiosos. As novas agregações de “milagreiros” pelos devotos passam a não terem um espaço de adoração como os santos oficializados que tem suas capelas dependendo do lugar que está sendo adorado. Nesse sentido os novos milagreiros passam a ser cultuado nos cemitérios, como também em capelas construídas pela própria população para adorar seu milagreiro, mantendo um contato mais direto com o sagrado

Sendo assim há uma intimidade maior com o milagreiro que com o próprio Deus, já que o milagreiro se torna o intercessor e mediador nas causas impossíveis. Isso ocorre devido ao devoto buscar uma pessoa que esteja mais próxima de Deus para interceder pelos seus pecados ou dificuldades. Essa devoção, permiti ao fiel ter uma liberdade de práticas religiosas, sem se prender aos rituais fechados e definidos pela igreja oficial, pois cada devoto se relaciona com seu santificado da forma que é mais conveniente, onde a sua fé possa ter mais força e reciprocidade.

[...] A devoção marginal ora abordada, mantém, sim, um apego sincero e fervoroso, mas mais aos santos do que a Deus. Deus nessa categoria de devoção é algo distante, inacessível, inatingível e ininteligível. Essa inacessibilidade faz com que o fiel busque meio alternativo para acessá-lo. (PEREIRA, 2005, p.38).

Observa-se que o texto acima revela como Deus é visto pelos devotos, sendo algo distante, onde há necessidade de mediadores para chegar até ele. Portanto os milagreiros se tornam a ponte entre o mundo terreno e o celestial mais comum no catolicismo popular, as almas dos mortos passam a ter a função de interceder junto a Deus no pedido do fiel. Os mortos são considerados os guardiões e intercessores mais zelosos no imaginário do devoto. Todavia esse morto também pode trazer perturbações, e conflitos para aqueles que não cumprirem com suas promessas, é por isso que se deve dar tanta reverência, e respeito aos mesmos para que não seja vítima da ira da divindade.

As devoções aos milagreiros demonstram um mistério ao ser narrada por diferentes devotos, funcionando como apaziguadora para todos aqueles que estão em busca de consolo, conforto, e alívio para as suas tribulações. Sendo assim ao atribuir o

milagreiro esse algo misterioso o mesmo passa ser proporcionador de milagres, elemento fundamental na devoção popular. O que podemos perceber é que o imaginário religioso abrange muitas representações do sagrado, já que não importa se o que esteja adorando seja falso ou verdadeiro, o que importa é o que eles acreditam. É por isso que tantos rituais, e promessas são realizadas diante desses milagreiros visando uma força sobrenatural que mesmo fugindo das regras oficializadas, tornam-se um escudo de proteção para os que sofrem com algum problema, esses devotos torna-se parte constituinte de uma sociedade que não está preocupada com a completa obediência as normas canônicas. “O que então podemos constatar é que ao lado [...] dos santos universais e regulares vivem os santos regionais e irregulares canonicamente, mais consagrado pela confiança popular.” (CASCUDO, 1974, p.5).

Santificação no meio popular

Cabe ressaltar que para se tornar um milagreiro no meio popular, o trágico aparece como justificador, ou como fator primordial para valorizar e qualificar o processo de “santificação”.

[...]‘santificação’. Este termo utilizaremos para identificar uma sacralidade em relação a um agente que não passou pelo mesmo processo relativo aos cânones católicos. Esta ‘santificação’ se dá a partir da vivência dos devotos ou, [...], como as ‘experiências do sagrado’, sem intermediações, deixando aflorar apenas a fé e a crença nas potencialidades do morto em fazer e intermediar graças e, muitos casos, milagres. (ANDRADE, 2008, p. 103)

O martírio, a morte dolorosa, penosa, sofrida, são pontos fundamentais para santificar o morto, além disso, esse mesmo é um ser especial dotado de qualidades que só ele tem como ser humano. Dessa forma todo milagreiro tem sua passagem para outro mundo marcada por uma morte trágica, esta por sua vez, pode ser narrada de forma verídica, ou seus fatos contados são apenas uma construção do imaginário do devoto para confirmar a santidade do morto. Desta forma, podemos constatar é que as devoções manifestadas por meio do culto às almas surgem no contexto de violência física que vitimou a pessoa cuja alma passa a ser devotada como santa. Ou seja, estar em consonância com os atos de tortura, ou de barbárie que tal pessoa teve que passar durante a morte. Sendo assim, essas novas práticas religiosas sobrevivem até os dias de hoje, onde passa ganhar mais força quando outro caso semelhante vem à tona. Os traços de morte violenta parecem chamar a atenção, como também, a curiosidade, e a crença dos fiéis denominando o morto como um ser especial que dialoga com Deus quando os pecadores precisam de uma força no mundo celestial, ocorrendo, uma “santificação” de maneira mais rápida e sem regras oficializadas. Confirmado assim nos estudos de Pereira:

No caso oficial o processo é burocrático e pode levar anos, enquanto que, no meio popular, a comprovação se dá a partir da fé e da história oral e pode ocorrer de um dia para o outro, basta alguém propagar que alcançou uma graça e atribuí-la a determinado santo ou pessoa falecida. (2005, p.99).

Esses milagreiros populares como já enfatizaram não são reconhecidos pela igreja, pois está a margem dos santos oficializados, mas mesmo assim não são menos cultuados, pois há uma transição dos fiéis entre o mundo oficial e o não oficial. Os rituais passam a ser praticados com frequência nos lugares consagrados pelos devotos, que visam uma adoração aos seus milagreiros, que independente das causas de sua morte aquele morto sempre procura interferir de alguma maneira no meio social. Sendo assim o morto continua interagindo no mundo dos vivos como se ainda vivesse, podendo trazer tanto graça, como desgraças, quando o fiel desonra o contrato de fidelidade com a divindade.

Adoração aos milagreiros

Ressaltam-se ainda que os Milagreiros são de caráter diversos, podendo ser crianças, adultos, entre outras, nesse sentido surgem os milagreiros para cada caso específico. É por isso que quando o devoto recorre a sua divindade deve saber qual a especificidade do mesmo, pois cada milagreiro é responsável por uma função, cuja eficácia é atribuída ao pedido do fiel. Esses milagreiros por sua vez, passam a ser procurados por pessoas que abrangem todas as classes sociais. Dessa maneira em torno do objeto sagrado a adoração se dar através de preces que são as orações tanto visualizadas quanto realizadas de forma silenciosa visando influenciar sua relação para com o morto, temos ainda as oferendas que são os ex-votos ou qualquer outro objeto simbólico que marca a identidade do morto dependendo do que ele mais gostava em vida. Já as penitências são as práticas de alto-flagelação, que leva um indivíduo, a privação, ou renuncia algo, portanto são rituais destinados aos milagreiros, expressando assim os deveres que os agentes dessas devoções têm para com os milagreiros.

Há um momento especial de participação, onde os devotos atualizam suas dívidas com o santo, seja no momento que beija seu objeto de devoção, ou reza por alguns momentos ao seu santo, isto se torna mais essencial do que participar de práticas oficiais de devoção de sacramentos. (BRANDÃO, 1986, p 134)

O fiel deve manter um compromisso de fidelidade que corresponde a um contrato com o milagreiro, onde desse contrato se obtém o resultado de trocas simbólicas, demonstrando uma força que leva retribuir uma coisa recebida. Criando assim um sentimento de afinidade, e intimidade com o seu milagreiro protetor, ou seja, há uma combinação entre o fiel e o morto, visando o voto, ou a promessa, cujos pedidos podem ser os mais variados como, por exemplo, reconquista de um amor, sucesso financeiro, cura de doenças, entre outros. O fiel almejando atendimento dos mesmos se compromete com a divindade através desse contrato de trocas simbólicas. O milagreiro atende aos pedidos a ele feitos, e o devoto cumpre as suas promessas, depositando os ex-votos, ou as oferendas. Portanto todos esses rituais que são as adorações dos devotos para com a alma cultuada, tem como objetivo fundamental, a segurança, proteção, e acolhimento para os fiéis que estão vulneráveis as dificuldades. Contudo se o compromisso for desfeito pelo devoto, o milagreiro pode trazer situações desastrosas para o fiel. Portanto, existem muitas devoções aos milagreiros espalhados pelo mundo, e dentre essas

cultuções aos milagreiros temos um caso específico no Seridó Potiguar, precisamente em Florania/ RN que é a devoção a Zé Leão.

Biografia de Zé Leão

No final do século XIX, existia na região do Seridó uma antiga povoação de Flores, que seriam o futuro município de Florânia, uma localidade que foi se desenvolvendo, tornando-se um centro econômico frente às outras povoações do Sertão do Seridó. Era um lugar onde se encontrava classes abastadas, e indivíduos menos favorecidos, dentre os poderosos residentes nesse município eram os membros da família Toscano Medeiros, o qual era governador da povoação das Flores. Ele era por sua vez, fazendeiro rico, que além de dominarem politicamente a região, também ocupavam funções militar e policial, mas ainda existiam outros poderosos que fazia parte do contexto político da época, como o João Porfírio. Quanto à produção econômica era exercida pelos proprietários de terra, sobretudo os que possuíam grandes fazendas, como as de gado e da cotonicultura, possibilitando o enriquecimento da elite local, determinando assim o poder aquisitivo de alguns e a submissão de muitos outros. E assim vivia a sociedade da vila das Flores, sintonizados em uma labuta cotidiana em torno da autoridade da fazenda.

Quanto à religiosidade na região de Florania, a Igreja Católica teve um papel muito forte, isso se deu devido alguns fatores, primeiro o povo de Florania manteve por muito tempo uma fidelidade a Igreja de Roma, pois o acesso à região dificultou a influencia de outras culturas. Além disso, havia a constante presença de clérigos na região devidos o clima ameno, como também houve a criação do Seminário Ferial da diocese de Caicó sediado em Florania, de onde passavam vários religiosos que proporcionou posteriormente a criação da Freguesia de São Sebastião, que fez nascer um canal mais forte de religiosidade entre o povo e a Igreja.

Dessa maneira, foi entorno de uma atmosfera de elementos sociais, culturais e religiosos tradicionais que a população das Flores vivenciou um episódio que marcou toda a população, a morte de um homem chamado Zé Leão que passou a ser lembrado frequentemente no imaginário da sociedade florianense. De acordo com a tradição das histórias populares, José Leão, mais conhecido como Zé Leão, era um jovem fazendeiro da Vila das Flores, que foi traído, assassinado e depois queimado até se transformar em carvões. Sendo assim existem várias versões das causas possíveis para a morte de Zé Leão. A primeira diz respeito aos galanteios do jovem as filhas de famílias tradicionais dessa localidade supostamente as moças da casa de João Porfírio, ou de Joca Toscano, isto por sua vez torna até viável, pois essa época denominada ainda pelo conservadorismo, tradicionalismo, onde a mulher deveria ser respeitada e submetida a autoridade do pai, o qual ajeitava os casamentos de suas filhas. A aproximação entre homem e mulher era planejada sob a ética da moral não permitindo o amor romântico, desde então o desrespeito a essas práticas sociais acarretavam crimes de vingança, pois a honra das famílias era o bem mais precioso, e em caso do desrespeito as donzelas, só seriam possíveis lavar a honra, com o sangue do suposto culpado.

Conta-se também, que Zé Leão era um jovem que veio da Paraíba e conseguiu acumular muitas riquezas nas terras que hoje são de Florania, era um homem formoso que sempre andava em cima de um cavalo branco, e devido ter muitas terras,

desencadeou a ambição e a ganancia dos ricos fazendeiros como Joca Toscano e João Porfírio. Os mesmos aos 20 de Janeiro de 1887 fizeram uma emboscada para o rapaz o qual estava indo em direção a festa do padroeiro da cidade, que era São Sebastião. Zé Leão foi abordado por vários homens que o amarraram e jogaram em uma fogueira de onde seu corpo pulava, devido isso, os assassinos esquartejou e em seguida jogaram novamente na fogueira, finalizando a execução. Alguns dias depois foi descoberto que os possíveis assassinos de Zé Leão teria sido João Porfírio a mandado de Joca Toscano. Desse em dia em diante, o crime repercutiu não somente na cidade, mas também nas circunvizinhanças, construindo um discurso que até hoje define a cidade de Florânia como a terra do mata e queima uma definição que tem também uma conotação na vida individual dos habitantes da cidade.

Zé Leão considerado um milagreiro

O episódio envolvendo Zé Leão ocorrido no dia 20 de janeiro de 1887, transformou o mesmo em um mártir, reconhecido pela sociedade de Florania, ou seja, a devoção a Zé Leão inicia-se logo após a sua morte trágica, onde segundo os relatos de alguns devotos, o próprio assassino João Porfírio visitava frequentemente o local da tragédia, onde ele rezava ajoelhado pela alma do homem que ele próprio matou. Assim a devoção germinou através da curiosidade das pessoas em tentar descobrir os motivos do arrependimento de João Porfírio, que a partir dessas atitudes do mesmo, outras pessoas iam até o local do crime não somente rezar pela alma de Zé Leão, como também passaram a acreditar que o mesmo respondia as orações, concedendo muitas graças ao que recorriam a ele na hora da necessidade. Zé Leão tornou-se, um operador de milagres, um protetor, intercessor, e um mártir, pois o sacrifício sofrido por Zé Leão parece ter sido o bastante para absolvê-lo da condição de mortal, para ser um milagreiro.

Dessa maneira, a devoção que se desenvolve em torno do personagem de Zé Leão, é uma devoção marcada pela morte trágica, que se constitui um fator importantíssimo para a santificação no meio popular, pois sua morte passou por atos de barbárie, de sofrimento, chegando até a execução final da vítima. Além disso, essa devoção também é mantida pelo medo, isto é observado nas narrações onde se confirmam que houve consequências aos assassinos de Zé Leão. Uns dos relatos demonstram que logo após a morte de Zé Leão as duas filhas de João Porfírio, Ana e Tereza, foram mortas, causada por a queda de um raio na janela de seu quarto. Isto por sua vez despertou na comunidade um sentimento de castigo, além desse acontecimento também houve vários suicídios sem motivos definidos na família de Toscano que também serviram para a formação de um pensamento coletivo sobre o fato.

Os próprios santos, muitas vezes agem como os homens, permeiam, ajudam, vingam-se, exigem pagas, lutam por posições de preferencia popular, pois mesmo sendo santo após a morte, eles se fazem de alguma forma humanos, e algum dia passa a ser santos. (BRANDÃO. 1986, P.184)

Como podemos observar o milagreiro mesmo tomando a forma de sagrado, eles podem agir como seres humanos, ao mesmo tempo em que ajudam os homens nos problemas cotidianos, podem também se vingarem daquele que fez algum mal para si, ou mesmo daqueles que muitas vezes não pagam as suas promessas. Nesse sentido, existe

na devoção a Zé Leão um apego sincero de piedade, pois muitas pessoas vão até ele devido o sofrimento que passou durante seus últimos dias de vida, como também o receio de um possível castigo proporcionado por esse milagreiro. Desde então, por acreditarem que Zé Leão tornou-se realmente um milagreiro pelos fatos ocorridos durante e após a sua morte, pessoas tornaram-se devotas dele, passando a oferecer objetos como sinal de gratidão por graças alcançadas e de fé nesse milagreiro. As oferendas que são os ex-votos, como, velas, flores e fotografias são deixadas no local de execução, onde foi construída uma capela que até hoje é visitada por várias pessoas de todas as classes sociais. Além disso, também foi erigida uma cruz no local do crime demonstrando uma devoção que é repassada de pessoa para pessoa. É importante ressaltar que na religiosidade popular, as pessoas que vão até seus milagreiros considerados protetores, vão com os mais variados pedidos na certeza que vão ser atendidas em suas petições como afirma a citação abaixo.

É difícil avaliar o grau de sofrimento em tantos variados pedidos que levam pessoas a procurar recursos no sobrenatural. Há uma exaltação da crença na cura milagrosa, é o reforço da fé e do sentimento amoroso pelo protetor celestial. Mas os temas referentes aos milagres não estavam restrito á recuperação e manutenção da saúde. Encontramos a descrição de problemas muito diversificados que remetem ao cotidiano. São tarefas de preocupação presente no dia-a-dia, como aprovação nos exames escolares a recuperação de objetos perdidos, problemas financeiros e obtenção de empregos. (SCHNEIDER, 2001, p.72)

Apesar do crescimento da devoção a Zé Leão, a Igreja Católica se posicionou para impedir a adoração ao milagreiro, recorrendo a outro tributo da romanização, o qual era um método que consistia em juntar com as devoções populares elementos de adoração oficial. Nesse caso, houve um acordo entre as autoridades católicas no Seridó para esconder as promessas e as oferendas destinadas à capela de Zé Leão. Neste contexto já corria a história sobre o achado de uma “santa menina” nas mediações da cidade, a Igreja por sua vez, decidiu erigir um santuário mariano na tentativa de desviar a atenção dos católicos da capela de Zé Leão lugar não aprovado pelo campo oficial. Mas ao incorporar a devoção à “santa menina”, a divindade oficial europeia, Nossa Senhora Menina, a Igreja, também procurou ao mesmo tempo neutralizar a lenda da “santa menina” E entronizaram no Monte das Graças uma imagem da Senhora Menina, hesitando, ainda colocar a imagem da mãe de Jesus, pois temia que as pessoas não conseguisse desvincular da devoção a “santa menina”. Então o bispo recomendou a Imagem de Nossa Senhora das Graças, que alcançava muitos fieis na Europa, e desta maneira, as atenções se voltaram para as peregrinações religiosas do monte santo. Mas com a chegada do padre José Dantas Cortez, houve inovações religiosas no município, e valendo dessas novidades, o padre Cortez elaborou um projeto de reestruturação da Igreja floraniense, e empreendeu um processo de valorização da religiosidade local. Nisto consistia o melhoramento de vários lugares que eram de visitação, dentre eles o embelezamento do Monte das Graças. Cortez também incentivou as peregrinações à capela de Zé Leão, conseguindo autorização episcopal para colocar no seio da Igreja as devoções a Zé Leão. Sendo assim durante o novenário das festividades do padroeiro São Sebastião, sempre se escolhe um dia em homenagem a Zé Leão.

Logo o catolicismo é um sistema concreto de mediação da Igreja Católica, assim o catolicismo romano é o sistema de tradução da Igreja católica no ambiente da vida e cultura romanas. Apesar do desenvolvimento cultural do catolicismo oficial e popular há certa identidade entre eles. (SUESS,1979, p.27)

Analisando a devoção a esse milagreiro, constatamos que há uma mistura do mundo oficial com o mundo popular, pois é na devoção popular, que o morto foi santificado pela sua morte trágica, pelos seus milagres realizados após morte, e referendado por uma população que mesmo sendo católica, não se limita somente às praticas oficializada, mas recorre a outros santos para a solução dos mais variados problemas que persistem no cotidiano. Esses mesmos devotos são os encarregados de organizar, ornamentar e zelar da capela de Zé Leão. Dessa maneira, observamos também alguns relatos que confirma que pessoas receberam graças ao pedirem a intercessão de Zé Leão.

“Mim considero devota de Zé Leão, pois meu filho tinha muita dor na virilha, pedi a Zé Leão. para curar o meu filho, e realmente foi curado, eu tenho muita fé nele, juntamente no Padre Cícero e Frei Damião, como gratidão decidi limpar a capela desse santo”ⁱ

Observamos, nesse caso, que a entrevistada recorreu a Zé Leão para pedir saúde para seu filho, e conseguindo que o mesmo fosse curado, por gratidão decide zelar da capela de Zé Leão, esse acontecimento é relatado também por outros devotos que ajudam na limpeza do local da devoção. Apesar desse milagreiro não ter tido vínculos com a medicina, ele opera milagres, no que diz respeito à cura do menino citado acima. Sendo assim, a devoção popular é marcada por esses variados pedidos seja de saúde ou de outra situação que perturbe as pessoas.

“Sou devoto de Zé Leão, já pedi muitas coisas a ele, e fui atendido, algumas pessoas tem o nome de Zé Leão em sua homenagem por terem também alcançados milagres. Como agradecimento a ele por tudo que fez por mim, sempre acendo velas a ele no local de sua morte”ⁱⁱ

Observa-se nesta entrevista acima, que o entrevistado não cita o que realmente chegou a pedir a Zé Leão, mais cita que foram muitos pedidos, os quais foram supostamente atendidos, e como gratidão pratica um gesto que é muito frequente não somente no mundo oficial, mas em outras devoções populares espalhadas pelo país que é o de acender velas para o morto. O próprio entrevistado, também não hesita em falar de outros casos de recebimentos de graças ocorridos com outras pessoas, as quais ele não cita nomes, mas confirma que muitos deles têm o nome de Zé Leão para homenageá-lo. Isto demonstra que Josemar além de ter a satisfação de relatar as suas graças alcançadas, ainda coloca outros exemplos para dá mais ênfase a sua devoção a esse milagreiro.

“A morte de Zé Leão estava ligada a pessoas de alto poder aquisitivo, como também a disputas de terras, ele veio do Ceará com toda a sua família, mas foi vítima de uma emboscada feita pelos coronéis da época, especialmente João Porfírio. Mas com a criação da devoção a “santa menina” tentaram por algum tempo encobrir a devoção a Zé Leão, mas não conseguiram, pois seu martírio era sempre repassado de pessoa para pessoa, e a devoção começa com o arrependimento do próprio assassino que vai todas as tardes no local do crime rezar por Zé Leão. Existem muitos relatos que Zé Leão opera milagres, como no caso de um homem que tinha uma forte dor no pescoço e foi curado, uma mulher tinha um filho que sofria de doença esquisita e foram curados por ele, alguns chegam a dizer que os carvões que restaram da fogueira foram guardados por devotos que fazem chá para se curarem de suas doenças. Eu mesmo tenho muita fé nele”iii

Nesse relato acima, discute tudo o que já mencionamos anteriormente, o entrevistado por sua vez, começa falando de todo o percurso da vida de Zé Leão até a sua morte, mais o que nos chama atenção nessa entrevista, é ele relatar vários casos de doenças ocorridos com pessoas diferentes e que alcançaram graças, no final ele assume que também tem muita fé em Zé Leão. O interessante é que também é relatado que o carvão encontrado após a emboscada feita a Zé Leão ainda é usado para fazer chá de cura para as doenças. Portanto a devoção a Zé Leão é uma devoção marcada tanto pelo medo, quanto pela piedade que as pessoas tem devido sua morte violenta, e essa história é repassada oralmente sendo um marco a ser lembrado pelo povo de Florania.

Logo constatamos uma devoção, que marca a região do Seridó, Florania/RN, que corresponde ao caso de Zé Leão, considerado um milagreiro, por operar muitos milagres após a sua morte trágica. Essa devoção por sua vez, é mantida pelo receio de um suposto castigo que o mesmo pode fazer recair em alguém que não cumpre alguma promessa, ou comete qualquer outro ato que o desagrade. Portanto essa devoção demonstra que o universo católico não se limita somente ao mundo oficial de padres, cumprimentos dos preceitos eclesiásticos, mas vai, além disso, onde as pessoas procuram de outras maneiras criarem as suas próprias experiências religiosas.

Referencias Bibliográficas

- ANDRADE, Junior, Lourival. **Da barraca ao túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção.** 2008. Tese (Doutorado em História), Curso de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2008
- BENEDETTI, Luiz Roberto. **Os Santos Nômades e o Deus Estabelecido.** Edições: Paulinas, São Paulo: 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: Um estudo sobre religiosidade popular.** São Paulo: 2 ed. Brasiliense, 1986.
- FREITAS, Eliane Tania Martins. **Memória, Ritos Funerários e Canonizações Populares em dois cemitérios do Rio Grande do Norte.** 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) curso de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro 1500-1800.** Petrópolis: 1974.
- LEMONS Filho Arnaldo. **Os catolicismos brasileiros.** 2. ed. São Paulo: Editora Alínea, 2000.
- MAUÉS Raymundo, Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e controle eclesiástico,** Belém: 1995.
- MELLO, Adilson da Silva. **Sá Mariinha das três Pontes: aspectos da religiosidade popular na cidade de Cunha- Aparecida,** São Paulo: Editora Santuário, 2000.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado,** Lisboa:70,2005.
- PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito da igreja ao cemitério público: transformações fúnebres em São Paulo.** São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- PEREIRA, José Carlos. **Devoções marginais: Interfaces do imaginário do religioso.** Porto Alegre; zouk.2005
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX.** São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **O céu aberto na terra; uma leitura dos cemitérios.** São Paulo: pg.184, 2006.
- SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasmas falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro.** Campinas: Unicamp, 1996.
- SCHNEIDER, Marília. **Memória e história: Antoninho da Rocha Marmo.** São Paulo: Queiroz. 2001.
- SOUZA, Neri de Almeida. **Hipóteses sobre a natureza da santidade: O santo, o herói e a morte.** IN. Revista Signum nº 4. São Paulo: ABREM, 2002
- SUESS, Paulo Guenter. **O catolicismo popular no Brasil.** São Paulo: Loyola. 1979.
- VERA, "Os santos da Igreja e os santos do povo: Devoções e manifestações da religiosidade popular. UFRP-2004.

ⁱ Entrevista realizada com Maria Ducarmo Pereira Silva, 59 anos, em Floriania/RN no dia 29/07/2011.

ⁱⁱ Entrevista realizada com Josemar, 45 anos, em Floriania/RN no dia 29/07/2011.

ⁱⁱⁱ Entrevista realizada com Junior Galdino de Azevedo, 43 anos, em Floriania no dia 29/07/2011.